

# Carlos Drummond de Andrade – Soneto do pássaro

I

Amar um passarinho é coisa louca.  
Gira livre na longa azul gaiola  
que o peito me constringe, enquanto a pouca  
liberdade de amar logo se evola.

É amor meação? pecúlio? esmola?  
Uma necessidade urgente e rouca  
de no amor nos amarmos se desola  
em cada beijo que não sai da boca.

O passarinho baixa a nosso alcance,  
e na queda submissa um voo segue,  
e prossegue sem asas, pura ausência,

outro romance ocluso no romance.  
Por mais que amor transite ou que se negue,  
é canto (não é ave) sua essência.

II

Batem as asas? Rosa aberta, a saia  
esculpe, no seu giro, o corpo leve.  
Entre músculos suaves, uma alfaia,  
selada, tremeluz à vista breve.

O que, mal percebido, se descreve  
em termos de pelúcia ou de cambraia,  
o que é fogo sutil, soprado em neve,  
curva de coxa atlântica na praia,

vira mulher ou pássaro? No rosto,  
essa mesma expressão aérea ou grave,  
esse indeciso traço de sol-posto,

de fuga, que há no bico de uma ave.  
O mais é jeito humano ou desumano,  
conforme a inclinação de meu engano.

**Carlos Drummond de Andrade, A vida passada a limpo**